

**EFEITOS DA ATIVIDADE SIDERÚRGICA NO MUNICÍPIO DE AÇAILÂNDIA-MA:
um relato a partir das percepções e vivências das populações residentes no distrito
industrial do Piquiá**

Walison Silva Reis

Graduado em Geografia – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/CESI
walisonsr@hotmail.com

Jailson de Macedo Sousa

Doutorando em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia – IG/UFU
Professor Assistente da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA/CESI
geopasargada@gmail.com

Para iniciar o relato...

Este relato tem como propósito anunciar as percepções e vivências materializadas no Distrito Industrial do Piquiá que situa-se na cidade de Açailândia. Trata-se da experiência que tive como bolsista de iniciação científica na Universidade Estadual do Maranhão/Centro de Estudos Superiores de Imperatriz–CESI/UEMA entre 2009/2010 cujo projeto de pesquisa pautou-se no estudo dos “Efeitos socioespaciais de grandes projetos na Amazônia oriental: uma reflexão a partir da atividade siderúrgica no município de Açailândia”.

O município de Açailândia fundado em 1981, em decorrência do processo de fragmentação territorial ocorrido na cidade de Imperatriz. Apresenta segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) área territorial de 5.806,371/ km² com densidade demográfica de 17,92 habitantes/ km², estando a uma distância da capital maranhense (São Luís) de aproximados 445,2 km. Do ponto de vista demográfico, conforme o (IBGE) 2010, a população total do município corresponde a 104.047 habitantes.

Por ser uma área estratégica, ou seja, pela sua localização estar em contato direto com o Sudeste do estado do Pará - a região ferrífera de Carajás, Açailândia foi pensada pelos agentes políticos e econômicos para servir de suporte à crescente produção mineral situada nesta região por meio da produção/transformação do ferro-gusa.

A cidade tem se destacado no cenário nacional e regional desde a década 1980, em função da implantação do polo siderúrgico no bairro Piquiá. A siderurgia constitui a principal atividade econômica do município, corroborando de modo significativo para a economia deste

Recebido em 15/01/2014 / Aprovado para publicação em 02/09/2015.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.18, p. 150-159, set. 2015.

e do estado. Por outro lado, esta atividade tem gerado uma gama de efeitos socioespaciais (positivos e negativos) que são alvos de diversos debates e discussões.

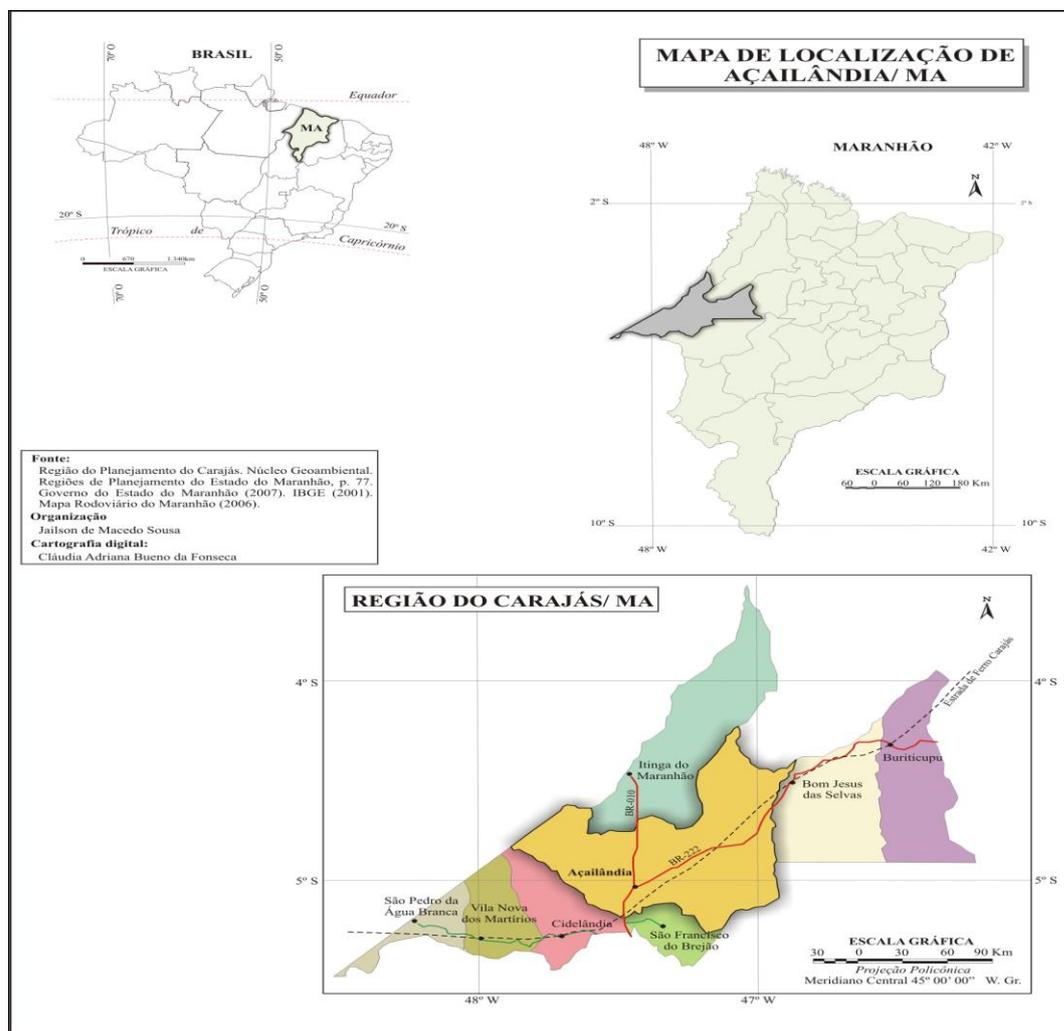
Efeitos da siderurgia no distrito industrial de Piquiá

O Distrito Industrial do Piquiá é um dos bairros integrantes do município de Açailândia. Trata-se da localidade onde estão situados os empreendimentos siderúrgicos. O bairro surgiu na década de 1960 como área rural, tendo sua organização econômica voltada inicialmente para agricultura de subsistência. Porém, a partir da década de 1980 com a implantação do Programa Grande Carajás (PGC) foi incorporado à área urbana de Açailândia, tornando-se um bairro industrial. Sua localização é estratégica, situado às margens da BR-222, rodovia que liga o município de Açailândia a Santa Inês na microrregião do Pindaré.

Os Efeitos da Atividade Siderúrgica no Município de Açailândia-MA: um relato a partir das percepções e vivências das populações residentes no distrito industrial do Piquiá

Walison Silva Reis; Jailson de Macedo Sousa

Figura 1: Mapa de localização do Município de Açailândia-MA



Fonte: Região do Planejamento do Carajás. Núcleo Geoambiental. Regiões de Planejamento do Estado do Maranhão, p. 77. Governo do Estado do Maranhão (2007). IBGE (2001). Mapa Rodoviário do Maranhão (2006).
Organização: Jailson de Macedo Sousa
Cartografia digital: Cláudia Adriana Bueno da Fonseca

Fonte: REIS, Walison Silva. Efeitos socioespaciais de grandes projetos no sudoeste maranhense: uma reflexão a partir do desenvolvimento da atividade siderúrgica no município de Açailândia-MA: In: SOUSA, Jailson de Macedo. (Org.). **O regional e o urbano no Sul do Maranhão: delimitações conceituais e realidades empíricas.** 483 p.

O Distrito Industrial de Açailândia dispõe de cinco usinas siderúrgicas, são elas: Ferro Gusa do Maranhão - S/A (FERGUMAR), Viena Siderúrgica & Cia, Companhia Siderúrgica Vale do Pindaré (COVAP), Gusa Nordeste e Siderúrgica do Maranhão - S/A (SIMASA). Esta são entendidas como independentes por atuarem somente no estágio de produção do ferro-gusa, que é uma etapa intermediária na fabricação do aço.

As siderúrgicas localizam-se à margem esquerda da rodovia (sentido Açailândia – Santa Inês). Na margem oposta da rodovia ficam as instalações da mineradora Vale que mantém ali uma estação da estrada de ferro Carajás, servindo para embarque e desembarque de

passageiros e para o carregamento/descarregamento de produtos transportados pela ferrovia como: minério de ferro, ferro-gusa, combustíveis, grãos e etc.

O primeiro contato com o bairro Piquiá ocorreu no dia 13 de março de 2010 por meio de uma pesquisa assistemática, cujo propósito foi manter uma relação mais próxima com a realidade investigada e agendar pessoalmente uma data para aplicação de um roteiro de entrevista com as empresas siderúrgicas. Nesse dia pude observar de imediato quando estava dentro do ônibus, faltando poucos quilômetros para chegar no Distrito Industrial, uma gigantesca nuvem de poeira vermelha. Fiquei surpreso com a dimensão da poeira que cobria o céu e perguntei a uma senhora que estava sentada ao meu lado o que era aquilo. Ela respondeu: meu filho isso é só poluição. Quando desci do ônibus em frente à usina siderúrgica Pindaré, continuei olhando para o céu e perguntei à um rapaz que estava no local o que era aquela poeira vermelha. Ele disse tratar-se de fuligem de ferro que saía pelas chaminés da usina siderúrgica Pindaré. Em seguida olhei ao meu redor e percebi que o chão, juntamente com as árvores e casas, estavam cobertos por fuligem de ferro.

Continuei buscando informações sobre o bairro Piquiá que até então só conhecia por meio de reportagens que assistia em programas televisivos que sempre destacavam a poluição. Em conversas informais com algumas pessoas que ali moravam entendi que o bairro era organizado por uma divisão estabelecida entre eles, com duas zonas espaciais: o Piquiá de Baixo e o Piquiá de Cima. Esta organização morfológica estava estruturada de modo distinto em razão da intensidade dos efeitos poluentes que as usinas acarretam.

O Piquiá de Cima constitui a parte do bairro que fica mais afastado das usinas siderúrgicas e que sofrem os efeitos negativos de forma mais amena da atividade siderúrgica. Nessa porção do bairro há algumas casas com muros e portões mais altos. Nelas residem os moradores com maior poder aquisitivo do bairro. É também a área que apresenta melhores condições de moradias e também conta com a presença de melhor infra-estrutura urbana. No entanto, também apresenta vários problemas de infra-estrutura urbana.

Figura 2: Piquiá de Cima



Figura 3: Piquiá de Baixo



Fonte: REIS, Walison Silva

Já o Piquiá de Baixo é a porção do bairro que está geograficamente mais próxima das usinas siderúrgicas por isso sofre os efeitos nocivos da siderurgia com mais intensidade. Poeira, fumaça e poluição dos córregos traduzem aspectos visíveis da paisagem urbana e representam uma constante visível nesta porção do bairro, juntamente com a favelização e o depauperamento. Neste dia pude notar que no bairro Piquiá há uma relação socioespacial paradoxal: de um lado a rodovia e a ferrovia escoando a produção e as fábricas de ferro-gusa e do outro a comunidade do Piquiá de Baixo com seus casebres e precárias condições de vida.

No dia 22 de julho de 2010 realizei a segunda atividade empírica, que ao contrário da primeira, foi sistemática. Foram feitas entrevistas com a população local e pude também fazer o registro de fotografias da localidade. As entrevistas obedeceram caráter estruturado. Foi dirigido à população um roteiro com doze questionamentos. O universo contou com amostra de quarenta entrevistas. Dessas, vinte foram direcionadas no centro comercial de Açailândia aos comerciantes e vinte à população residente no bairro Piquiá. Vale destacar que as empresas siderúrgicas foram procuradas, mas suas respostas foram negativas.

O centro urbano de Açailândia e o bairro Piquiá são duas realidades distintas em aspectos de qualidade de infraestrutura urbana e em serviços urbanos (comércio, saúde, educação). Como os efeitos da siderurgia não se manifestam de maneira uniforme nessas duas localidades e o fato dos seus moradores apresentarem visões e interpretações diferentes acerca da siderurgia considerou-se necessário realizar entrevistas nesses dois bairros.

A segunda atividade de campo foi uma tarefa muito cansativa, porém, consistiu em um momento de aquisição de mais conhecimento sob o objeto investigado, pois correspondeu à

fase em que tivemos um intenso diálogo com a população local e uma relação de proximidade e vivência. Durante essa etapa da pesquisa tivemos um momento difícil quando fui realizar as entrevistas no centro comercial de Açailândia em face das desconfianças dos entrevistados.

A população residente na área central se recusava a responder por motivos desconhecidos. Continuamos tentando, ao abordar alguém que pudesse responder. Logo era perguntado se ia demorar, pois estavam com muita pressa.

Já as entrevistas realizadas com os moradores do bairro Piquiá foram mais amistosas. A população desta área demonstrou grande interesse em ajudar respondendo ao que fora pedido. Sorrisos estampados nos rostos e convites para eu sentar a mesa e tomar um café eram atitudes frequentes em quase todos os moradores do bairro Piquiá. As entrevistas aconteciam na maioria das vezes cercada por familiares como: filhos, netos, noras e até vizinhos. Essas pessoas geralmente participavam das entrevistas, devido os entrevistados iniciais recorrerem à eles para pedir ajuda ou a tentar lembrar de determinadas informações. As respostas eram bem contextualizadas e as lembranças ao passado estavam presentes no imaginário.

As entrevistas com os moradores do bairro Piquiá eram as mais demoradas, em razão da contextualização, da exposição de pormenores dos questionamentos e da participação de outras pessoas. Conseguimos informações importantes ao realizar as entrevistas com esses moradores, pois eles davam exemplos minuciosos com riquezas de detalhes. Quando terminava a entrevista, nós éramos convidados a voltar novamente nas suas residências.

Foi com a população do bairro Piquiá que tivemos maior proximidade e pudemos dialogar com mais tempo e tranquilidade. Durante esta fase da pesquisa pudemos perceber através dos relatos de alguns moradores que o bairro Piquiá separa-se do centro urbano de Açailândia não apenas pelo distanciamento de 14 km, mas principalmente pelo apartheid social. Alguns moradores sentem-se excluídos e esquecidos pelo poder público em razão da ausência de políticas públicas no bairro e por não terem suas reivindicações atendidas referentes à poluição causada pela atividade siderúrgica.

Pudemos sentir e ver nos olhos desses moradores o sentido de não serem enxergados e nem ouvidos quando uma senhora de 63 anos nos disse que a poluição da siderurgia tem matado seus familiares de câncer e que o maior causador dessa situação é a inoperância do poder público, ou seja, não há preocupação dos governantes para solucionar essa situação. Como relata a doméstica Tereza Farias,

Eu considero estas usinas como a morte. Tem seis meses que a minha irmã que eu tanto amava morreu. O Doutor Eliseu que foi médico que atendeu minha irmã disse que ela morreu de câncer no pulmão devido a forte poluição que tem aqui no Piquiá. Até agora eu não me conformo. A minha irmã era deficiente e eu cuidava dela desde pequena. Sinto tanto a falta dela. Aqui várias pessoas adoecem diariamente. É comum as crianças ficarem com falta de ar. Tereza Farias, moradora do Piquiá de Baixo e doméstica. Entrevista realizada no dia 22/07/2010.

Muitos moradores do bairro Piquiá já foram obrigado a se deslocar para outras áreas da cidade em razão da poluição causada pela emissão de gases, a poeira gerada no processamento dos materiais e pela poluição das águas superficiais, subterrâneas e do solo.

Outros problemas também se associam a estes mencionados é o caso da poluição sonora gerada em função das emissões de ruídos que ocorrem em todas as fases do processo de produção do ferro-gusa. Os moradores que ainda permanecem no bairro relatam não terem dinheiro para morar em outro local. Todos apresentaram um sentimento de indignação e uma enorme vontade de buscarem moradia em outras localidades. Como afirma Josilene Ribeiro,

Aqui eu e os meus filhos comemos pó 24 horas e todos vivem doentes principalmente no verão. Meu filho! Eu moro nesse lugar antes dessas usinas chegarem aqui. Esse lugar era para mim um pedaço do céu um paraíso, hoje ele é um inferno. Eu só não saio daqui porque não tenho para onde ir. Josilene Ribeiro, comerciante e moradora do Piquiá de Cima. Entrevista realizada em 22/07/2010.

Devido à poluição generalizada muitos moradores sofrem e adoecem com fortes dores de cabeça, dores nas articulações do corpo, irritação ocular, dores de garganta, coceira, crise de tosse, náuseas, lacrimejamento e sangramento pelo nariz. A este respeito temos o depoimento do taxista Juarez Cordeiro que mesmo não morando mais no bairro Piquiá ainda sofre os efeitos de uma série de doenças provocadas pela poluição.

Rapaz! Quando eu morava no Piquiá foi gerado em mim, vários tipos de doenças. Se minha família não sentisse a obrigação de sair do bairro Piquiá eu já não estaria vivo. Até hoje eu sofro. Olha! Eu tenho sinusite, problema de garganta e tenho também um fortíssimo problema de pele. Meu corpo é todo marcado de cicatrizes devido à poluição. Às vezes eu me pergunto como uma pessoa consegue morar ali, principalmente as crianças. Eu gostei morar no bairro Piquiá antes das usinas siderúrgicas chegarem, mas eu não volto morar naquele lugar com aquela poluição nunca mais, porque eu não quero que o meu filho sofra como eu sofri convivendo com aquela situação. A poluição é visível. Basta você chegar ao Piquiá que você nota a diferença

entre o clima aqui do centro urbano de Açailândia com o do bairro Piquiá. Muitas famílias se mudaram em razão da poluição, ou seja, fugindo da morte a minha família foi uma delas. Juarez Cordeiro. Taxista e ex-morador do Piquiá de Cima. Entrevista realizada em 22/07/2010.

A busca por tratamento de saúde na esfera pública é um serviço acionado constantemente pela população do bairro Piquiá. No entanto, os serviços públicos de saúde oferecidos funcionam de maneira deficiente e precária, evidenciando assim outros problemas para a população. Em síntese, a atividade comandada pela siderurgia tem afetado a saúde, segurança e o bem-estar da população, bem como suas atividades sociais e econômicas.

Ao considerar as implicações ou efeitos socioambientais gerados pela atividade siderúrgica percebemos que a maioria dessas implicações são irreversíveis, que não podem ser medidas e nem compensadas.

Um exemplo claro é o caso do processo de desterritorialização que tem ocorrido de forma dolorosa no bairro Piquiá. Muitos moradores têm saído do bairro que funcionava como seu espaço de vivência de longos anos, onde territorializaram seus bens materiais e imateriais. Estes tiveram que buscar abrigo em outra localidade, em razão da poluição que tem afetado o ar, as águas a terra, suas plantações e principalmente a saúde. As pessoas que não saíram do bairro Piquiá para outro lugar tiveram suas vidas alteradas tendo que conviver diariamente com a poluição e com as doenças provocadas. No entanto, a principal reivindicação para aqueles que ainda vivem no bairro Piquiá ao poder público e as empresas siderúrgicas é o seu remanejamento para outra localidade, longe dos efeitos poluentes gerados pela siderurgia.

As razões para esse remanejamento se deve à degradação ambiental causada pela poluição que levaria muitos anos para o processo de despoluição das águas, do solo e do ar. Mesmo com o remanejamento das usinas para outro local os moradores do bairro Piquiá teriam que conviver durante anos com a poluição acumulada, como relatou o Presidente da Associação de Moradores do bairro Piquiá de Baixo, o senhor Edvar Dantas

As empresas deveriam ter sido instaladas em outro local, mas como já estão aqui, agora quem deve sair é o povo, porque estão todos doentes devido a poluição. A água que nós bebemos se acabou, está toda contaminada. Essa poluição das usinas é devastadora porque ela contaminou o nosso ar, a nossa água e a nossa terra, por isso que devemos sair daqui. Agora eles tem que arcar com a nossa saída. Nós não temos condições e não vamos sair daqui sem saber para onde ir. Elas têm que nos ajudar. Edvar Dantas, presidente da associação de moradores Piquiá de Baixo. Entrevista realizada 22/07/2010.

As percepções e vivências no distrito industrial do Piquiá nos levaram a entender que as ações do poder público e dos agentes econômicos representados pelas siderúrgicas para resolver os problemas como as violações do direito à saúde e a um ambiente saudável que a população do bairro Piquiá vem sofrendo, são mínimas ou quase nulas. As plantas industriais instaladas em Açailândia para o processo de produção/transformação de ferro-gusa instituíram limitadamente processos de desenvolvimento de base local, contrariando, de um lado, os diversos discursos de desenvolvimento que foram apregoados no início da sua instalação.

Tem-se observado como efeito concreto é a degradação ambiental, periferação e os conflitos sociais como as principais contribuições que a siderurgia trouxe para Açailândia e região, tendo o bairro Piquiá como centro de todas essas mazelas socioambientais.

Palavras finais...

Neste relato pudemos notar quão grave e dolorosa é a vida daqueles que residem no distrito industrial de Açailândia, ou seja, no bairro Piquiá. A instalação de empreendimentos siderúrgicos desde o início da década de 1980 tem gerado efeitos negativos irreversíveis às populações. Pudemos observar e sentir de perto os efeitos associados à degradação ambiental.

Diversos efeitos sociais e ambientais se materializam no distrito ambiental de Piquiá. As lutas e reivindicações dos moradores já duram mais de três décadas e pouco feito pelo poder público e pelos empreendimentos econômicos para resolver a situação. As cortinas de fumaça, poeira, fuligem, poluição das águas, do solo e do ar se apresentam como elementos marcantes no interior da paisagem urbana de Açailândia. Estes efeitos negativos são ainda mais intensos no distrito industrial de Piquiá. Foi possível notar que os empreendimentos econômicos difundem através dos seus discursos a ideia do progresso, do crescimento econômico e do desenvolvimento. No entanto, o que pudemos observar na prática foram muitos problemas sociais que se relacionam à precariedade das moradias, a favelização, a falta de infra-estrutura urbana, a ausência do saneamento básico, coleta de lixo e uma gama de problemas sociais. Discursos são dissipados acerca do desenvolvimento de Açailândia em face da siderurgia, porém consideramos que esse desenvolvimento não é válido, visto que é desigual e opressor sendo tecido a partir do sofrimento daqueles que sofrem seu lado adverso.

Compete ao poder público e econômico que estejam atentos a estes problemas e que possam conjuntamente buscar alternativas para solucionar os problemas sociais e ambientais que afetam a população residente no distrito industrial do Piquiá. As reivindicações das populações representam nesse contexto papel de destaque uma vez que poderá surtir efeitos positivos junto aos poderes públicos e econômicos.

Estas foram as percepções diante das vivências no distrito industrial do Piquiá em Açailândia em que pudemos acompanhar de perto os sujeitos que convivem todos os dias com atividade siderúrgica e que tiveram suas vidas alteradas em razão desses empreendimentos. Os efeitos negativos são mais evidentes e notórios e exigem do poder público e da sociedade em geral respostas de modo que prevaleça o direito à vida e a dignidade neste espaço.

Relação de entrevistados

Edvar Dantas, Presidente da Associação de Moradores do Piquiá. Entrevista realizada em 22/07/2010.
Josilene Ribeiro, comerciante e moradora do Piquiá de Cima. Entrevista realizada em 22/07/2010.
Juarez Cordeiro. Taxista e ex-morador do Piquiá de Cima. Entrevista realizada em 22/07/2010.
Tereza Farias, moradora do Piquiá de Baixo e doméstica. Entrevista realizada no dia 22/07/2010.